

Análise de ações educacionais no enfrentamento ao HIV/AIDS em Rio Grande/RS – um dos municípios líderes em casos de infecções pelo vírus no Brasil

Willian Mirapalheta Molina*, Cristiane Barros Marcos

Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil

Histórico do artigo

Recebido em 11/07/2024
Aceito em 15/09/2025

RESUMO

Estima-se que cerca de 135 mil pessoas no Brasil vivam com HIV/Aids sem saber, um dado que pode estar relacionado à desinformação e ao medo de descobrir a infecção viral e enfrentar a sorofobia. O Rio Grande do Sul é um dos estados com maior número de casos, com a cidade do Rio Grande destacando-se como uma das líderes em infecções por vários anos consecutivos. Esta pesquisa analisou as ações educacionais realizadas neste município para enfrentar a epidemia e a sorofobia. Foram coletados e analisados dados de sites oficiais da universidade pública local e da prefeitura municipal sobre as ações educacionais desenvolvidas. Identificou-se 13 ações entre a universidade e a municipalidade, focadas nas discussões sobre a biologia do vírus e no controle epidemiológico, com seis dessas ações direcionadas ao combate ao preconceito. Conclui-se que as discussões ainda são bastante incipientes, havendo pouco espaço para dialogar sobre o vírus e o preconceito tanto na universidade quanto nos órgãos municipais, especialmente na área da educação.

Analysis of educational actions in the fight against HIV/AIDS in Rio Grande/RS - one of the leading municipalities in cases of infection by the virus in Brazil

ABSTRACT

It is estimated that about 135,000 people in Brazil live with HIV/AIDS without knowing it. This could be due to a lack of information and the fear of discovering the infection and facing sorophobia. Rio Grande do Sul is one of the states with the highest number of cases, with the city of Rio Grande leading in infections for several years. This research analyzed the educational actions being taken in this municipality to combat the epidemic and sorophobia. Data were collected and analyzed from the official websites of the local public university and the municipal government regarding the educational actions developed. We identified 13 actions between the municipality and the university, focusing on discussions about the virus's biology and epidemiological control, with six of these actions aimed at combating sorophobia. We concluded that the discussions are still quite incipient, with little space for dialogue about the virus and prejudice at the university and municipal levels, especially in education.

Keywords:
health education;
epidemics; prejudice.

1. Introdução

A história mundial da epidemia do Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) e da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (Aids) é marcada por desconhecimento, discriminação moral, rejeição e julgamento social a pessoas que viviam/vivem com o vírus (1). Um estudo de 2019, do Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS (UNAIDS) (1), demonstra o quanto a sorofobia, ou seja, discriminação e preconceito a pessoas que vivem com HIV/Aids, impactam ainda na qualidade de vida dessas pessoas no Brasil.

Neste estudo, com 1.784 pessoas entrevistadas, todas vivendo com o vírus, foi visto que 41% das pessoas sofreram discriminação em seu ambiente familiar, 25,3% assédio verbal e 19,6% perderam seus empregos (1). O preconceito corrobora também para que as

* Autor correspondente: Willian Mirapalheta Molina, willianmolina12345@gmail.com

pessoas se isolem, atrasem tratamentos e não procurem testagem do HIV, contribuindo para o aumento da epidemia viral que perdura vivamente no país.

Segundo o último Boletim Epidemiológico HIV/Aids (2023) do Ministério da Saúde (MS), referentes aos dados até 2022, o Brasil vive com mais de um milhão de infectados (2) e estima-se que cerca de 135 mil pessoas estão com o vírus e não sabem. O Rio Grande do Sul aparece neste boletim como um dos estados com mais pessoas vivendo com HIV/Aids no Brasil e com o maior coeficiente de mortalidade do país em decorrência da Aids – 7,3 óbitos por 100 mil habitantes, quase o dobro da média nacional (2). O município do Rio Grande/RS, foco de análise nesta pesquisa, permaneceu no topo do ranking dos 100 municípios com maior índice de casos de infecção no país por quatro anos consecutivos – primeiro lugar em 2018 e 2019, quarto lugar em 2020 e terceiro lugar em 2021.

Os dados do último boletim apontam que o município do Rio Grande ocupa a 9^a posição entre os 100 municípios com mais casos no país. É importante mencionar que, no início de dezembro de 2023, quando o Ministério da Saúde publicou este boletim, Rio Grande/RS não estava mais entre as 100 primeiras cidades deste ranking, gerando espanto para pesquisadores e órgãos públicos municipais locais.

Segundo a pesquisadora Rossana Basso, coordenadora do Serviço de Atendimento Especializado de Infectologia (SAE Infectologia) do Hospital Universitário Dr. Miguel Riet Corrêa Jr da FURG (HU/FURG), esses dados foram uma surpresa. Ela aponta que a taxa de detecção viral no Brasil é de 17 casos por 100 mil habitantes, 23,9 casos no estado do RS e 50,1 casos no Rio Grande. Ou seja, no município, o índice é três vezes maior que a taxa nacional e duas vezes maior que a taxa estadual (3). Após todas as indagações sobre essas informações, o Ministério da Saúde atualizou o boletim no dia 6 de dezembro de 2023, trazendo Rio Grande/RS novamente ao ranking, o que gerou dúvidas quanto à veracidade desses boletins epidemiológicos.

Ressalta-se que Rio Grande estar fora do topo deste ranking, não significa grande conquista, visto as estatísticas estaduais. Dessa forma, a Educação em Saúde (ES) se mostra como grande aliada na desconstrução da sorofoobia e na atenuação da epidemia do vírus tanto no município quanto no estado e na união (4). A associação das palavras saúde e educação compõem um conceito polissêmico (5). Nesta pesquisa, foi utilizado o entendimento de Educação em Saúde proposto pelo Ministério da Saúde (6),

um conjunto de práticas de caráter participativo e emancipatório, que perpassa vários campos de atuação e tem como objetivo sensibilizar, conscientizar e mobilizar para o enfrentamento de situações individuais e coletivas que interferem na qualidade de vida (6)

Dessa forma, a ES abrange o indivíduo e o coletivo, na promoção do conhecimento, da saúde e da qualidade de vida. Ela se apresenta por meio de ações educacionais, que são iniciativas para promover a educação em diversos espaços e contextos, no caso desta pesquisa, o foco foi na temática HIV/Aids. Uma ação que compreende perspectivas pedagógicas deve transpassar o diálogo e a reflexão e, como nos mostra Libâneo (7), encaminhar para uma “formação para a cidadania crítica”, rompendo com a consciência ingênua, como preconiza Freire (8).

Exemplos do que entende-se e denomina-se nesta pesquisa como “ação educacional” são: regências em sala de aula, debates, rodas de conversa, ações interdisciplinares, saídas de campo, semanas abertas, formação continuada de professores, criação de projetos e programas, entre outros. Elas podem ocorrer de forma individual ou integrada com outras organizações educacionais, fomentadas por diversos órgãos públicos, como é o caso do Programa Saúde na Escola (PSE) criado em 2007, que visa articular educação e saúde na rede básica de ensino (9).

Diante disso, o objetivo geral desta pesquisa foi analisar as ações educacionais para o enfrentamento da epidemia de HIV/Aids e da sorofobia, realizadas em duas instâncias – universidade e secretarias municipais, na cidade do Rio Grande/RS, um dos municípios líderes em casos de infecções pelo vírus no Brasil por vários anos seguidos. E tem-se como objetivos específicos: 1) Identificar a produção acadêmica de estudantes da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, em trabalhos de conclusão de curso de graduação (TCCG), dissertações, teses e a participação da universidade em projetos de ensino, pesquisa e extensão e cultura, voltados à Educação em Saúde, tendo como objeto de estudo a temática HIV/Aids; 2) Identificar como o Poder Executivo Municipal atua em relação ao tema HIV/AIDS e 3) Analisar os vieses das ações educacionais, em relação à epidemiologia e biologia do vírus ou aspectos sociais relativos à sorofobia, ou ambas.

2. Materiais e métodos

A pesquisa é compreendida como um conjunto de ações que visam novas descobertas e estudos em uma determinada área, consistindo em um processo metodológico de investigação, recorrendo a procedimentos científicos para encontrar respostas para um problema (10).

Essa pesquisa é de natureza qualitativa. Trata-se de um estudo analítico, descriptivo e de corte transversal. A pesquisa qualitativa “responde a questões muito particulares” (11). Neste tipo de método de pesquisa há uma preocupação com aquilo que não pode ser quantificado e nem “reduzido à operacionalização de variáveis” (11). Ela trabalha com “o universo de significados, motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos” (11). Nessa perspectiva, esta pesquisa entra em decurso.

Para compor os dados desta pesquisa, ou seja, as ações educacionais, foram consultados sites eletrônicos oficiais do município e da universidade. Buscou-se identificar propostas que contemplam não só a divulgação de informações sobre HIV/Aids de forma mais “técnica”, mas também aquelas que apresentassem aspectos sociais relativos à sorofobia. As informações coletadas foram analisadas e categorizadas como "combate à epidemia" ou "combate ao preconceito". No quadro 1 é possível ver alguns critérios de escolha para o enquadramento em determinada categoria.

Quadro 1 – Categorias e características das ações educacionais sobre HIV/Aids.

Categoria	Característica da ação
Combate à epidemia	Diálogos sobre testagem viral, profilaxias, tratamentos e prevenções.
Combate ao preconceito	Diálogos sobre preconceitos, discriminações e Pessoas vivendo com HIV/Aids

Fonte: Autores.

Em relação a universidade, os sites utilizados foram o ARGO - Sistema Administração de Bibliotecas¹ para buscar as produções acadêmicas, já para consultar os projetos de ensino, pesquisa, extensão e cultura foram utilizados três sites de busca com acesso direto via página inicial do site oficial da FURG². Para coletar os dados das produções acadêmicas foram empregados os marcadores HIV e Aids, com o recorte de tempo de dez anos (2014 - 2023). Já para a coleta dos projetos, foram utilizados os mesmos marcadores,

¹ <https://argo.furg.br/>

² <https://www.furg.br/>

mas excluindo os projetos que finalizaram suas atividades até o ano de 2014. Este tempo foi escolhido para a busca de dados mais recentes para a pesquisa, que pudessem refletir em discussões atuais sobre o tema. Além do tempo, utilizamos também como critério de exclusão, tanto das produções acadêmicas quanto dos projetos, seus enfoques. Ou seja, excluímos trabalhos e projetos que não tinham como objetivo interagir com a sociedade e promover a educação nos diferentes espaços. É o caso de pesquisas labororiais, revisões de literatura, etc.

Os sites do município escolhidos foram os oficiais da Secretaria de Município da Educação³ (SMEd) e da Secretaria de Município da Saúde⁴ (SMS), pensando que este tema atravessa as respectivas incumbências das secretarias. A busca ocorreu de forma livre nos sites e também com o auxílio da ouvidoria, que são espaços nos sites responsáveis por responder as demandas solicitadas e protocoladas pelo público em geral. Nesta pesquisa protocolou-se dois pedidos, um em cada site. Esta pesquisa seguiu os aspectos éticos e foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande – CEP/FURG e aprovada sob o número do parecer 6.251.265.

3. Resultados e discussão

Coleta, organização e análise dos dados públicos da FURG

Nos dados da universidade foram encontrados um TCCG, cinco dissertações e cinco teses na base de dados ARGO. Quanto aos projetos, foram identificados três projetos de ensino, 23 projetos de pesquisa e sete projetos de extensão. Esses projetos ora foram encerrados, ora estão em andamento.

De posse destes dados, foi elaborada uma síntese das ações, excluindo-se aquelas que se afastaram do interesse desta pesquisa, e enquadrando as que foram incluídas como "combate à epidemia" ou "combate ao preconceito". O quadro 1 expõe os dados da universidade, todas as produções acadêmicas e projetos da FURG foram lidos na íntegra para a elaboração desta síntese.

³ <https://www.riogrande.rs.gov.br/smed/>

⁴ <https://www.riogrande.rs.gov.br/saude/>

Quadro 2 – Projetos e produções acadêmicas da Universidade Federal do Rio Grande – FURG desenvolvidas ou em desenvolvimento nos últimos 10 anos (2014 - 2023) na instituição, sobre o tema HIV/Aids com foco no combate à epidemia do vírus ou no combate ao preconceito

Tipo de projeto	Título	Período	Responsável	Combate à epidemia de HIV	Combate ao preconceito
Ensino	Projeto XXVIII semana acadêmica da medicina: ists: desmistificar, conduzir e acolher.	2022 a 2022	Fabiane Aguiar dos Anjos Gatti	X	X
	Curso assistência de enfermagem ao paciente com HIV/AIDS.	2020 a 2021	Giovana Calcagno Gomes	X	X
	Interfaces entre a formação acadêmica e a vivência no Serviço de Assistência Especializada.	2020 a 2020	Daniele Ferreira Acosta	X	X
Pesquisa	Sífilis e HIV: palestras educativas e testes sorológicos para fuzileiros navais do sexo masculino na região sul do Brasil.	2019 a 2019	Carolina Alicia Coch Gioia	X	
	Estudo sobre sífilis e HIV em diferentes Organizações Militares da Marinha em Rio Grande/RS em homens na região Sul do Brasil.	2021 a 2023	Carolina Alicia Coch Gioia	X	
Extensão e cultura	Palestras educativas para alunos de escolas públicas e particulares da cidade de Rio Grande/RS sobre sífilis e HIV/AIDS.	2019 a 2020	Carolina Alicia Coch Gioia	X	
	1º Encontro Regional de HIV/Aids e Hepatites Virais de Cidades Portuárias e Fronteiras.	2019 a 2019	Hector Cury Soares	X	
	Triagem sorológica para HIV, hepatites B e C e sífilis para comunidade universitária- FURG.	2019, em andamento	Rossana Patricia Basso	X	
	Projeto Escola Promotora da Igualdade de Gênero.	2020, em andamento	Juliana Lapa Rizza	X	X

Fonte: Elaboração própria dos autores

Os resultados encontrados em relação a produção acadêmica dos estudantes de graduação, mestrado e doutorado da FURG não foram enquadrados em “combate à epidemia ou combate ao preconceito”, pois muitas destas pesquisas eram resultados de

revisões bibliográficas, entrevistas com profissionais da saúde que atende pessoas vivendo com HIV/Aids (PVHA) ou com familiares que convivem com essas pessoas. Além de estudos clínicos e epidemiológicos e pesquisas laboratoriais, assim se distanciando do interesse pela busca das ações educativas.

Diante disso, destaca-se que não foram encontradas produções acadêmicas na FURG, nos últimos dez anos (2014-2023), sobre o tema HIV/Aids com o viés em ações educacionais em saúde, que indique contribuir para diminuir a epidemia do vírus em Rio Grande/RS ou para amainar o preconceito. Já em relação à participação da universidade em projetos, muitos foram excluídos pelos mesmos critérios de exclusão das produções acadêmicas. Ao todo, sobraram três projetos de ensino, dois projetos de pesquisa e quatro projetos de extensão e cultura – estando apenas dois destes projetos (de extensão) ainda em andamento, totalizando, assim, nove projetos na instituição.

Os projetos de ensino se articulam diretamente, em suas ementas, com propostas educativas para barrar o vírus e o preconceito. O primeiro projeto demonstrado no quadro 1, “Projeto XXVIII semana acadêmica da medicina: ists: desmistificar, conduzir e acolher”, atravessa diversos diálogos sobre como a sorofobia se constituiu enquanto sistema de opressão no Brasil, o projeto conduziu isto através da arte, em diferentes formas. Uma delas foi através do documentário “Carta Para Além dos Muros” que leva o público a uma viagem pela história da Aids no Brasil. Outrossim, testagens de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), palestras sobre prevenção, cuidado e profilaxias também apareceram na organização da semana acadêmica. Dessa forma, entende-se que essas atividades se constituem como ações educacionais para combater o preconceito e a proliferação viral. E destaca-se o pioneirismo deste projeto, como semana acadêmica, em discutir essas questões.

Os projetos de ensino “Curso assistência de enfermagem ao paciente com HIV/AIDS.” e “Interfaces entre a formação acadêmica e a vivência no Serviço de Assistência Especializada” são projetos que se propõe a qualificação de profissionais da saúde, especialmente estudantes e professores de enfermagem e enfermeiros, frente a atuação com PVHA. Entende-se que esses cursos e formações constituem ações educativas para diminuir a epidemia, como mostra-se o segundo projeto, algumas pautas das formações foram falar sobre prevenção, promoção à saúde e tratamento.

Os projetos fazem menção ao Serviço de Atendimento Especializado (SAE) do Hospital Universitário Dr. Miguel Riet Corrêa Jr, da FURG. Esse é um centro de referência para o atendimento de PVHA desde o início da epidemia (12). O município do Rio Grande/Rs pertence à 3º Coordenadoria Regional de Saúde (CRS) do Rio Grande do Sul e atende mais de 27 cidades locais no hospital da FURG.

Também, acentua-se que essas formações se articulam com processos educativos que possam diminuir a sorofobia na cidade, visto que a enfermagem representa para a população uma aproximação, escuta, acolhimento e atenção (13). Ou seja, é esperado pelo paciente um momento de diálogo, e assim possibilitado o acesso a informações sobre as questões biológicas e sociais do vírus.

Os projetos de pesquisa “Sífilis e HIV: palestras educativas e testes sorológicos para fuzileiros navais do sexo masculino na região sul do Brasil” e “Estudo sobre sífilis e HIV em diferentes Organizações Militares da Marinha em Rio Grande/Rs em homens na região Sul do Brasil” tencionaram realizar ações educativas de combate à epidemia de HIV no município. As ações buscavam incluir, além de testagem para HIV e outras ISTs, palestras educativas com os vieses de diagnóstico, formas de transmissão e sintomas clínicos. Nesta lógica, percebe-se um enfoque maior em questões biológicas do que sorofóbicas, por isso o enquadramento apenas em “combate à epidemia”.

Por fim, os projetos de extensão e cultura ora envolvem enfoques mais epidemiológicos,

ora compreendem ações tanto para redução da epidemia quanto para a diminuição da sorofobia. O primeiro projeto do quadro 1 intitulado "Palestras educativas para alunos de escolas públicas e particulares da cidade do Rio Grande/RS sobre sífilis e HIV/AIDS" realizou, como o próprio nome sugere, palestras sobre o tema nas escolas. O projeto deixou explícito a importância da educação como única forma para mudar o cenário epidêmico do vírus no município do Rio Grande/RS. Ele possuía como prioridade a divulgação de informações sobre sífilis e HIV, buscando, dessa forma, vieses mais biológicos e epidemiológicos.

O segundo projeto de extensão, cujo título é “1º Encontro Regional de HIV/Aids e Hepatites Virais de Cidades Portuárias e Fronteiras (Cidades Gêmeas)”, como visto no Quadro 1, enquadra-se em “combate à epidemia”. Embora o programa se tencione a dialogar sobre HIV/AIDS e possivelmente contribuir com a diminuição da epidemia, ele acaba por construir um espaço que associa o vírus a comunidades historicamente marginalizadas e discriminadas socialmente, como pessoas LGBT+, pessoas em situação de rua e usuários de drogas (14).

Ao longo da história do HIV/Aids no Brasil, estes públicos, mencionados na ementa do projeto, eram considerados “grupos de risco” (gays, mulheres trans, travestis, hemofílicos, usuários de drogas injetáveis e profissionais do sexo). Sobre a ideia de grupo de risco,

cabe demarcar que o fato de se pertencer a algum grupo social específico não é um fator de risco, embora os comportamentos possam ser de risco. É preciso pensar acerca de práticas e não de identidades. Nesse sentido, a expressão grupo de risco pode criar uma falsa sensação de segurança entre pessoas que têm comportamentos de risco, mas não se identificam com tais grupos, contribuindo para uma desinformação em massa, além de viabilizar a estigmatização e a discriminação contra determinados grupos sociais (14).

E isso, acaba por contribuir nesta infeliz associação entre o vírus e determinados grupos sociais, colaborando assim no aumento da sorofobia.

Ainda, essas associações acabam por delimitar o vírus a esses públicos, dando margem a entender que outras pessoas que não pertencem ao “grupo de risco” não podem ser infectadas. É importante explicitar, que nenhum vírus possui predileção por qualquer grupo social, seja de classe, cor, raça, etnia, gênero ou orientação sexual, todos estão sujeitos à infecção.

O projeto de extensão “Triagem sorológico para HIV, hepatites B e C e sífilis para comunidade universitária- FURG” foi posicionado apenas como “combate à epidemia” pois, se tenciona aumentar a cobertura diagnóstica da infecção pelo HIV na comunidade universitária. Isso ocorre por meio da testagem rápida, promovendo também o diálogo sobre prevenção e tratamento com a comunidade universitária da FURG. Sendo, portanto, ações educacionais voltadas ao controle e atenuação da epidemia do vírus no município.

Por fim, o último projeto de extensão analisado, enquadrado tanto no combate à epidemia quanto no combate ao preconceito, ganhou essa demarcação por se tratar de um projeto que visa a formação continuada de professores da rede básica de ensino do município do Rio Grande/RS. Esse projeto tem enfoque em estudos culturais, questões do corpo, do gênero e da sexualidade, da adolescência, do contato com as Infecções Sexualmente Transmissíveis, incluindo aqui o HIV e a Aids. Dessa forma, em discussões amplas como essas busca-se transcender o viés “técnico e biológico” do vírus.

Percebe-se uma maior tendência para o viés de combate à epidemia, na medida em que houveram mais recorrências para ênfases “biológicas” e/ou da área da saúde como métodos de prevenção, testagem e cuidado. E poucos projetos que envolvessem “como é

a vida de alguém que vive com HIV/Aids”, o histórico da epidemia, o estigma, o preconceito, a rejeição, o desconhecimento, a associação do vírus a pessoas LGBT+, entre outras questões sociais relacionadas ao vírus, que ainda se movem no tecido social.

Coleta, organização e análise dos dados públicos das Secretarias de Município do Rio Grande/RS

Entre as ações desenvolvidas dentro da municipalidade, avistou-se quatro propostas educativas sobre o tema, sendo a SMEd a única secretaria que retornou com o pedido das ações, via protocolo. No quadro 2, assim como os dados da FURG, foi realizado um enquadramento entre as ações em “combate à epidemia” e “combate ao preconceito” seguindo os mesmos critérios para disposição dos dados – ações educativas mais “técnicas” e “biológicas” em combate à epidemia e aquelas com vieses mais sociais em combate ao preconceito.

Quadro 3 – Ações educacionais desenvolvidas pelas Secretarias de Município do Rio Grande/RS sobre a temática HIV/Aids, que auxiliem no combate à epidemia do vírus ou no combate ao preconceito.

Secretarias de Município	Ação	Combate à epidemia do HIV	Combate ao preconceito
Secretaria de Município da Educação (SMEd)	<p>Programa Geração Consciente</p> <p>Proposta curricular no Documento Orientador Curricular do Território Rio-grandino, elaborado pela Secretaria de Município da Educação do Rio Grande, dentro do Componente Curricular Ciências da Natureza, sob as habilidades: (EF08CI09-RS04-RG28) Discutir sobre a importância de compartilhar a responsabilidade a respeito da escolha e utilização do método mais adequado à prevenção da gravidez na adolescência e de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST); (EF08CI09-RG29) Relacionar o conteúdo teórico com situações na realidade da sua região, tais como: ISTs, e gravidez na adolescência.; (EF08CI09-RG30) Discutir sobre os índices de contaminação por HIV, sífilis e outras infecções sexualmente transmissíveis no município do Rio Grande; (EF08CI10-RG31) Identificar os principais sintomas, modos de transmissão e tratamento de algumas ISTs (com ênfase na AIDS), e discutir estratégias e métodos de prevenção</p>	X	X
Secretaria de Município da Saúde (SMS)	<p>CTA - Centro de testagem e acompanhamento: Secretaria Municipal da Saúde do Rio Grande/RS</p> <p>Núcleo Municipal de Educação em Saúde Coletiva (NUMESC)</p>	X	X

Fonte: Elaboração própria dos autores

Secretaria de Município da Educação (SMEd)

No site público da Secretaria de Município da Educação do Rio Grande, mediante busca simples e aberta e com auxílio da ouvidoria, foram encontradas duas ações educacionais

sobre o tema. As ações se enquadram uma em “combate à epidemia e à sorofobia” e outra em “combate à epidemia”.

A primeira proposta educativa, exposta no Quadro 3, deriva de um programa, denominado Programa Geração Consciente. “O Programa Geração Consciente é um jogo cultural e educativo entre escolas do Rio Grande do Sul, desenvolvido para oferecer recursos para a promoção da saúde dos adolescentes” (15). Esse programa, de nível estadual, busca trabalhar inúmeras temáticas relacionadas a vida dos jovens, dentre elas o tema HIV/Aids.

O programa visualiza a escola como sendo o principal espaço para a promoção da Educação em Saúde. Ele se propõe a promover formação continuada de professores da Educação Básica, aprendizagem socioemocional nos adolescentes, potencializar a saúde reprodutiva e sexual dos jovens, dialogar sobre diferentes tipos de violências, desenvolver competências de cuidado individual e coletivo com a saúde sexual, potencializar discussões sobre esses temas no currículo escolar e ainda fortalecer a relação estudante, escola e unidades de saúde (15).

As atividades se desenvolvem a partir de técnicas de gamificação, atrelando conhecimento e jogos. As escolas participantes, escolhidas pelo município, competem entre si e disputam uma final com prêmios aos alunos e professores. Em Rio Grande/RN o programa esteve atualmente (2023) na sua segunda edição, com o eixo temático “Direitos Sexuais e Reprodutivos”, cujo foco foi informar sobre saúde sexual com ênfase na gravidez, no HIV e em outras ISTs, buscando educar para a sua prevenção. Diante disso, entende-se que essas atividades se enquadram em ações educacionais, potencializando o diálogo e o conhecimento sobre o tema HIV/Aids no âmbito da biologia do vírus, da epidemia e do preconceito.

A segunda proposta educativa da SMEd é oriunda do Documento Orientador do Território Rio-Grandino (DOCTRG) (16). Este documento é uma produção regional em nível de município e está alicerçado na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (17). A BNCC é um documento de caráter normativo desenvolvido pelo Ministério da Educação (MEC), que se propõe a nortear a elaboração dos currículos da Educação Básica em todos os níveis e etapas.

O mesmo ocorre para o Documento Riograndino, mas para orientar as escolas municipais e estaduais que ofertam Educação Infantil e/ou Ensino Fundamental em Rio Grande/RN. O tema HIV/Aids aparece neste documento no 8º ano do Ensino Fundamental na área das Ciências da Natureza. As habilidades estão estritamente relacionadas à prevenção do vírus, sintomas, contaminação, transmissão e tratamento, e em nada mencionam relações sociais como estigma, preconceito e discriminação, assim, negligenciando estes pontos. Já no Referencial Curricular Gaúcho Ensino Médio (RCGEM) (18), documento de referência para o Ensino Médio no município e no Estado do Rio Grande do Sul, o tema HIV/Aids não aparece.

Em consonância com Mohr (5) “Na escola a ES vem sendo tradicionalmente desenvolvida pelo professor de ciências”, o documento curricular Riograndino corrobora com tal entendimento. A autora expõe que embora isso ocorra, “não existe uma análise adequada da pertinência desta atribuição” (5). As discussões sobre HIV e Aids, assim como outras ISTs, estão intimamente relacionadas à Educação Sexual, como nos mostra os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (19) e Figueiró (20). Nesse sentido, falar sobre Educação Sexual também é falar sobre HIV/Aids. Entretanto, Figueiró critica como a Educação Sexual tem sido confundida com falar sobre infecções sexualmente transmissíveis e gravidez na adolescência” (20). Argenti *et. al* (21) nos mostra que falar sobre Educação Sexual nas escolas,

(...) é uma questão de respeito aos direitos humanos e também de saúde pública. Isto significa que não podemos abordar somente conteúdos básicos – as doenças sexualmente transmissíveis em uma relação sexual sem prevenção, ou até mesmo uma gravidez indesejada – deve ser trazido questões ligadas a gênero, enfrentamento à violência contra a mulher, identidade, sentimentos, comunicação, família (21).

A pesquisadora e colaboradores defendem o ensino da sexualidade de forma transversal, plural, biológica e social, logo, Educação Sexual está para além de falar sobre HIV/Aids – mas também inclui este tema, com ênfase ao social e não puramente ao viés singular da biologia. “A sexualidade é constituída de múltiplos significados e envolve mitos, crenças, tabus, preconceitos, comportamentos e concepções religiosas” (21). E se pensar nas discussões temporais sobre o vírus e sobre a Aids há o envolvimento direto com as desinformações, os preconceitos, estigmas e tabus, assim como com a Educação Sexual em geral.

Nesse sentido, pode-se inferir que, um tema como HIV/Aids e as discussões sobre Educação Sexual, acabam por se limitar ao professor de ciências e biologia, como visto no DOCTR, estando alocadas, de forma pontual, no objeto de conhecimento “Sexualidade” do 8º ano da área das Ciências da Natureza. Fugindo da transversalidade, da interdisciplinaridade e conduzindo a um viés mais biológico e técnico, de um tema varado de preconceito (22).

Além disso, Rio Grande/RS apareceu no topo das cidades com mais casos de PVHA por vários anos consecutivos e ambas ações (DOCTR e Programa Geração Consciente) são bastante recentes – 2019 e 2022, respectivamente. Conclui-se que não há espaço explícito para falar sobre o “vírus social” – preconceito, discriminação e estigmas em relação a temática HIV/Aids no currículo escolar da cidade do Rio Grande/RS, nem Ensino Fundamental e nem Ensino Médio.

Embora estes tópicos não apareçam diretamente no currículo, é preciso deixar claro que o DOCTR é um documento orientador, ou seja, há espaço para a diversificação, articulada com outras habilidades, por exemplo. Mas entende-se que quando não há a visibilidade deste tipo de discussão, há uma carência no olhar e na sua notoriedade, o que pode resultar no distanciamento do tema em sala de aula.

Secretaria de Município da Saúde (SMS)

Quanto à pesquisa realizada no site público da Secretaria de Município da Saúde (SMS), encontrou-se duas ações, uma voltada ao “combate da epidemia” e a segunda voltada ao “combate da epidemia e da sorofobia”. Mediante ouvidoria não foram recebidas respostas pelo tempo de dois meses, por meio de diversas tentativas de retorno. Entre as ações encontradas há uma ação mais restrita e localizada, voltada a testagem do HIV e de outras ISTs, e outra mais ampla, sendo o “setor” responsável na SMS pela implementação de diversas atividades municipais no viés da Educação em Saúde. A primeira ação intitulada “CTA - Centro de testagem e acompanhamento: Secretaria Municipal da Saúde do Rio Grande/RS”, como o próprio nome sugere, é um serviço de diagnóstico do vírus.

Os CTAs realizam “aconselhamento e orientações voltadas para as IST, HIV, Sífilis, Hepatites B e C, bem como oferece Testes Rápidos para estes agravos, resguardando o Sigilo, a Confidencialidade e o Respeito às diferenças” (23). Dessa forma, percebe-se que é um espaço que contribui para diminuir a proliferação do vírus, visto que a testagem é a principal forma de prevenção e de atenuar a circulação viral (24) e por isso, foi enquadrada em “combate à epidemia”.

Já a segunda ação, denominada “Núcleo Municipal de Educação em Saúde Coletiva

(NUMESC)” e alocada em “combate à epidemia e a sorofobia”, apresenta o órgão responsável da Secretaria de Município da Saúde para pensar as questões sobre ES em Rio Grande/RS.

O NUMESC é a organização municipal de Gestão da Educação em Saúde Coletiva vinculado à Secretaria de Município da Saúde, que elabora e implementa a Política Municipal de Educação em Saúde, envolvendo-se com a formação, a qualificação e o aperfeiçoamento dos trabalhadores da saúde, além de desenvolver atividades de pesquisa, avaliar e liberar projetos, organizar atividades de ensino desenvolvidas junto ao município, articulando-se com as instâncias regionais, estaduais e federais de educação permanente, instituições formadoras e controle social (25).

O NUMESC teve sua implementação no município em 2005, com outra nomenclatura, sendo “NUMESC”, como se conhece atualmente, em 2013 (25). Os objetivos dessa organização municipal são variados, como:

Organizar o desenvolvimento das atividades de ensino, pesquisa e extensão de cursos técnicos, graduação e de pós-graduação que envolvam a Secretaria de Município da Saúde;
Participar da construção de materiais educativos e/ou normativos da Secretaria de Município da Saúde;
Organizar o desenvolvimento das atividades de ensino, pesquisa e extensão de cursos técnicos, graduação e de pós-graduação que envolvam a Secretaria de Município da Saúde (25).

Com isso, percebe-se que aquilo que foi exposto nesta pesquisa como sendo “Ações Educacionais” estão bem demarcadas nos objetivos do NUMESC – organização de atividades, formação profissional, construção de materiais educativos, entre outros. Entretanto, essas ações não mencionam o foco nas discussões sobre HIV/Aids, mostram-se ser objetivos amplos para a ES. Enquadrou-se nesta pesquisa pois ao falar de ES e pensar no perfil epidemiológico do vírus no município do Rio Grande/RS, as discussões sobre HIV/Aids devem ser também pauta de muitas dessas atividades desenvolvidas.

Os dados de toda a pesquisa foram oriundos de leituras de escritas públicas, cumprindo com o objetivo deste estudo de fazer um levantamento das ações educacionais municipais. Deste modo, a análise realizada neste estudo, sobre as ações municipais e a perspectiva de “ação educacional” pode não configurar na prática ações educativas efetivas. Afinal, uma limitação deste estudo foi a impossibilidade de verificar se o que o órgão municipal se propôs a fazer, assim como os projetos da FURG, se concretizou na realidade do município e da universidade. Percebe-se que, ainda que haja carência de ações explícitas sobre HIV/Aids no município, a Educação em Saúde, em relação à proposta de ementa e dos objetivos do Núcleo Municipal de Educação em Saúde Coletiva, se mostra bem representada em Rio Grande/RS.

Outra limitação desta pesquisa foi a impossibilidade de abranger todas as ações educacionais, formais ou não formais, do município do Rio Grande/RS. Portanto, procura-se fugir de qualquer análise superestimada, justificando assim a exclusão das ações que não foram contempladas nesta pesquisa, seja na universidade ou no município. E também respeitando as ações educacionais promovidas por associações e organizações não governamentais, que possuem grande relevância e importância no decurso das discussões sobre o tema HIV/Aids no município.

Este estudo tentou dialogar entre os vieses do “combate à epidemia” e do “combate ao preconceito”, pois entende-se que não basta apenas falar sobre o vírus orgânico é preciso conhecer e combater também a “epidemia do preconceito”. Sabe-se que a história do vírus

e seus entrelaçamentos históricos – preconceitos, estigmas e discriminações, não podem ser negligenciados pelo poder executivo municipal, principalmente na educação, entendida como propulsora para qualquer transformação social (8). Portanto é imprescindível que haja espaço no referencial curricular municipal, mesmo que seja de forma isolada no 8º ano do Ensino Fundamental junto ao objeto de conhecimento “Sexualidade”.

Destaca-se que na universidade há pouco envolvimento institucional em projetos que abordem tanto o vírus “social” quanto o epidemiológico. De um total de nove projetos identificados, apenas dois estão em andamento. Esse baixo envolvimento certamente afetará a formação dos profissionais que atuarão na sociedade, especialmente aqueles na linha de frente, como profissionais da educação e da saúde – crucial em um município que necessita urgentemente de discussões sobre HIV e Aids. A situação não é diferente na administração municipal, onde foram encontradas apenas quatro ações educacionais promovidas pelo executivo local. Isso resulta na mitigação de discussões sólidas sobre o tema na cidade. Assim, totaliza-se em 13 ações educacionais entre universidade e municipalidade, com seis dessas ações direcionadas ao combate ao preconceito. Assim, conclui-se que, no município do Rio Grande/RS, um dos líderes em casos de HIV/Aids no Brasil por vários anos seguidos, há pouco espaço para dialogar sobre o vírus e sobre a sorofobia – tanto na universidade quanto na educação e saúde municipais.

A predominância de ações focadas principalmente na epidemia do vírus, com ênfase em aspectos relacionados ao tratamento e à prevenção, em detrimento das questões sociais, está em consonância com os achados de Petry et al. (26) e Dal Vesco (27), que analisaram o conteúdo curricular do HIV/Aids nos cursos de graduação de Enfermagem de diferentes universidades federais brasileiras. Os autores demonstram que o ponto central das discussões é a prevenção da infecção do vírus. A lógica mais centrada na prevenção biomédica do vírus, entra em desacordo com a UNAIDS (28) que disserta sobre a importância da prevenção combinada.

Esse tipo de prevenção envolve não somente as estratégias biomédicas de barreira física do vírus, mas também estratégias estruturais que combatam a desinformação, o estigma e o preconceito, para que, dessa forma, a prevenção possa efetivamente acontecer. Nesse sentido, não basta apenas existir bons métodos de prevenção se as populações, principalmente aquelas vulneráveis ao vírus, não possuem acesso, informações e não sejam notadas quanto aos contextos socioculturais em que estão inseridas. O enfoque estritamente biomédico “não contempla o enfrentamento dos fatores responsáveis pela maior vulnerabilidade ao HIV de sujeitos ou grupos populacionais e do estigma da Aids” (29). Por isso é que defende-se e reitera-se neste estudo a importância de se pensar em ações educativas que visualizem o HIV não apenas em seu aspecto biológico.

4. Considerações finais

Este estudo se constituiu como uma análise descritiva e reflexiva acerca da atuação de duas instâncias sociais no que tange a temática HIV/Aids no município do Rio Grande/RS. Como perspectivas, ele se mostra potencializador para conhecer e pensar em novas estratégias educativas, formais e não formais, para barrar o vírus e o preconceito no município e no país. Almeja-se também, com os achados deste estudo, ter gerado subsídios para fomentar a criação de políticas públicas para o enfrentamento epidemiológico e sorofóbico do HIV/Aids em Rio Grande/RS e nas demais cidades brasileiras.

Finaliza-se esta escrita, reafirmando a necessidade de um olhar mais atento às questões sociais sobre o vírus, e enfatiza-se, novamente, haver poucas ações universitárias e

municipais sobre o tema HIV/Aids na cidade analisada, o que gera implicações no que tange a melhoria de vida das pessoas afetadas pelo vírus e na redução de incidência de novas infecções na comunidade rio-grandina.

5. Referências

1. UNAIDS Brasil - Website institucional do Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS (UNAIDS) no Brasil. [Internet]. Estudo revela como o estigma e a discriminação impactam pessoas vivendo com HIV e AIDS no Brasil - UNAIDS Brasil; [citado 2 jul 2023]. Disponível em: <https://unaids.org.br/2019/12/estudo-revela-como-o-estigma-e-a-discriminacao-impactam-pessoas-vivendo-com-hiv-e-aids-no-brasil/>.
2. GOV.BR [Internet]. Boletim Epidemiológico - HIV/Aids 2023 — Departamento de HIV/Aids, Tuberculose, Hepatites Virais e Infecções Sexualmente Transmissíveis; [citado 08 jan 2024]. Disponível em: <https://www.gov.br/aids/pt-br/central-de-conteudo/boletins-epidemiologicos/2023/hiv-aids/boletim-epidemiologico-hiv-e-aids-2023.pdf/view>.
3. Câmara Municipal Do Rio Grande. YouTube [Internet]. [Vídeo], AO VIVO: AUDIÊNCIA PÚBLICA, 01/12/2023; 2 dez 2023 [citado 5 dez 2023]; [88 min, 20 s]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EbwnxQHfxDs>
4. Pereira AV, Vieira AL, Amâncio Filho A. Grupos de educação em saúde: aprendizagem permanente com pessoas soropositivas para o HIV. Trab Educ Saúde [Internet]. Jun 2011 [citado 3 set 2023];9(1):25-41. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1981-77462011000100003>
5. Mohr A. A natureza da educação em saúde no ensino fundamental e os professores de ciências [Internet]. [local desconhecido]: Florianópolis, SC; 2002 [citado 2 dez 2023]. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/83375>
6. Ministério da Saúde. Biblioteca Virtual em Saúde [Internet]. Painel de Indicadores do SUS nº 6: Temático promoção da saúde V.IV. Brasília (DF); 9 nov 2009 [citado 3 set 2023]. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/painel_indicadores_sus_promocao_saude.pdf
7. Libâneo JC. Democratização da escola pública: A pedagogia crítico-social dos conteúdos. 2^a ed. São Paulo: Loyola; [data desconhecida]. 149 p.
8. Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa. 2^a ed. [local desconhecido]: Paz e Terra; 2003.
9. Ministério da Educação - Ministério da Educação [Internet]. Programa Saúde nas Escolas; [citado 18 out 2023]. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/expansao-da-rede-federal/194secretarias-112877938/secad-educacao-continuada-223369541/14578-programa-saude-nas-escolas>
10. Sousa JR, Santos SC. Análise de conteúdo em pesquisa qualitativa. Rev Pesqui Debate Em Educ [Internet]. 31 dez 2020 [citado 20 ago 2023];10(2):1396-416. Disponível em: <https://doi.org/10.34019/2237-9444.2020.v10.31559>
11. Pesquisa | Portal Regional da BVS [Internet]. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde | São Paulo; Hucitec;Abrasco; 1992. 269 p. (Saúde em debate, 46). | SES-SP | SESSP-ISACERVO; [citado 24 nov 2023]. Disponível em:

<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1344574>

12. Silveira JM, Sassi RA, Oliveira Netto IC, Hetzel JL. Prevalência e fatores associados à tuberculose em pacientes soropositivos para o vírus da imunodeficiência humana em centro de referência para tratamento da síndrome da imunodeficiência adquirida na região sul do Rio Grande do Sul. *J Bras Pneumol* [Internet]. Fev 2006 [citado 24 nov 2023];32(1):48-55. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1806-37132006000100011>
13. Macêdo SM, Sena MC, Miranda KC. Consulta de enfermagem ao paciente com HIV: perspectivas e desafios sob a ótica de enfermeiros. *Rev Bras Enferm* [Internet]. Abr 2013 [citado 13 out 2023];66(2):196-201. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0034-71672013000200007>
14. Knauth DR, Hentges B, Macedo JL, Pilecco FB, Teixeira LB, Leal AF. O diagnóstico do HIV/aids em homens heterossexuais: a surpresa permanece mesmo após mais de 30 anos de epidemia. *Cad Saúde Pública* [Internet]. 2020 [citado 2 jul 2023];36(6). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311x00170118>
15. Geração Consciente [Internet]. Geração Consciente; [citado 14 out 2023]. Disponível em: <https://www.geracaoconsciente.com.br/>.
16. Documento Orientador Curricular do Território Rio-grandino | SMEd – Secretaria de Município da Educação; [citado 17 nov 2023]. Disponível em: https://www.riogrande.rs.gov.br/smed/?page_id=38648
17. Início [Internet]. Base Nacional Comum Curricular - Educação é a Base; [citado 29 ago 2023]. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>
18. Governo do Estado do Rio Grande do Sul. Educação RS [Internet]. Referencial Curricular Gaúcho Ensino Médio; 2021 [citado 13 set 2023]. Disponível em: <https://educacao.rs.gov.br/upload/arquivos/202111/24135335-referencial-curricular-gauchinho-em.pdf>
19. Brazil. Secretaria de Educação Fundamental., editor. Parâmetros curriculares nacionais: Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental; 1998.
20. Portal de Periódicos da Universidade Federal de Pelotas [Internet]. REPENSANDO A EDUCAÇÃO SEXUAL ENQUANTO TEMA TRANSVERSAL | Cadernos de Educação; [citado 19 out 2023]. Disponível em: <https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/educacao/article/view/6158>
21. Argenti PC. Sexualidade, educação sexual e gênero: uma análise destas temáticas nas produções de um programa de pós-graduação em educação sexual [Internet]. [local desconhecido]: Universidade Estadual Paulista (UNESP); 2018 [citado 28 out 2023]. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/153705>
22. Fernandes I, Alves de Toledo Bruns M. REVISÃO SISTEMATIZADA DA LITERATURA CIENTÍFICA NACIONAL ACERCA DA HISTÓRIA DO HIV/AIDS. *Rev Bras Sex Humana* [Internet]. 25 jun 2021 [citado 8 out. 2024];32(1). Disponível em: <https://doi.org/10.35919/rbsh.v32i1.916>.
23. Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares [Internet]. Centro de Testagem e Aconselhamento; [citado 17 out 2023]. Disponível em: <https://www.gov.br/ebsersh/pt-br/hospitais-universitarios/regiao-norte/hdt-uft/saude/centro-de-testagem-e-aconselhamento>

24. Soares PD, Brandão ER. O aconselhamento e a testagem anti-HIV como estratégia preventiva: uma revisão da literatura internacional, 1999-2011. *Saúde Soc* [Internet]. Dez 2012 [citado 17 out 2023];21(4):940-53. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0104-12902012000400013>
25. Secretaria da Saúde – PMRG; [citado 18 out 2023]. Disponível em: <https://www.riogrande.rs.gov.br/saude/>.
26. Petry S, Padilha MI, Bellaguarda ML, Vieira AN, Neves VR. O dito e o não dito no ensino das infecções sexualmente transmissíveis. *Acta Paul Enferm* [Internet]. 2021 [citado 27 fev 2025];34. Disponível em: <https://doi.org/10.37689/actape/2021ao001855>
27. Dal Vesco SNP. Ensino das infecções sexualmente transmissíveis nos cursos de graduação em enfermagem do Brasil: um estudo histórico. 2023. Tese de doutorado. [citado 27 fev 2025]; Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/253270>
28. Prevenção Combinada [Internet]. UNAIDS Brasil. Available from: <https://unaids.org.br/prevencao-combinada/>
29. Monteiro SS, Brigeiro M, Vilella WV, Mora C, Parker R. Desafios do tratamento como prevenção do HIV no Brasil: uma análise a partir da literatura sobre testagem. *Cienc Amp Saude Coletiva* [Internet]. Maio 2019 [citado 27 fev 2025];24(5):1793-807. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232018245.16512017>